

## DA EXPERIÊNCIA AO APRENDIZADO: AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO DESENVOLVIMENTO DE CONCEPÇÕES SOBRE O ATO DE AVALIAR

*Cláudia de Faria Barbosa*<sup>1</sup>  
UESB

*Juliana de Jesus Nascimento*<sup>2</sup>  
UESB

*Soraia de Jesus Nascimento*<sup>3</sup>  
UESB

*Thais Jesus Bastos*<sup>4</sup>  
UESB

**Resumo:** Este artigo trata-se de um relato de experiência vivenciado durante o desenvolvimento da disciplina avaliação da aprendizagem, componente curricular obrigatório do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - campus Jequié - BA. Tem objetivo de contextualizar uma experiência educativa resultante da articulação entre os suportes teóricos apontados nas discussões em sala de aula e uma investigação feita com a utilização de entrevistas realizadas no ambiente escolar, sobre a avaliação na escola básica. O trabalho apresenta uma síntese do grupo na tentativa por responder a seguinte questão: quais teorias ficaram na memória e quais inquietações e proposições ajudam a pensar como se dá a avaliação da aprendizagem na escola? Com uma abordagem qualitativa e utilização de entrevistas a professores e gestores da escola básica, esta pesquisa aponta possibilidades de entrelaçamentos entre a teoria e a prática no ensino superior e promove um movimento de reflexões no que tange à avaliação da aprendizagem.

**Palavras chave:** Avaliação; Educação; Mediação.

### Introdução

Este artigo nasce através de uma proposta avaliativa da disciplina Avaliação da aprendizagem, componente curricular obrigatório do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Campus Jequié - BA. Nesta proposta fomos convidadas a

<sup>1</sup> Pedagoga, doutora em Humanidades, Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e Centro Universitário UniRuy | Wyden e Pesquisadora do Grupo de Pesquisas Hermenêuticas em Família, Território, Identidades e Memórias (GEHFTIM/CNPq). E-mail: barbosa.claudiadefariabarbosa@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Hermenêuticas sobre Família, Territórios, Identidades e Memórias (GEHFTIM). E-mail: nascimentoj407@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Hermenêuticas sobre Família, Territórios, Identidades e Memórias (GEHFTIM). E-mail: dejesusnasci.80@gmail.com

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Hermenêuticas sobre Família, Territórios, Identidades e Memórias (GEHFTIM). E-mail: bastosthais43@gmail.com

pensar o que ficou para nós de memórias, inquietações e proposições acerca da avaliação da aprendizagem após ter cursado a referida disciplina.

Na construção dessa disciplina conhecemos as diferentes concepções de avaliação e discutimos esse tema em torno das visões e suporte teórico de Jussara Hoffmann (2014), Cipriano Luckesi (2005) e Domingos Fernandes (2009). Através do estudo da referida temática e das reflexões propostas surgiram as seguintes questões geradoras sobre a maneira adequada do professor avaliar seus alunos no contexto escolar: Existe um modo correto de se avaliar um aluno? É possível medir os aprendizados dos alunos? É necessário aplicar provas para se avaliar bem? Como avaliar um aluno? Quais os instrumentos o professor deve utilizar em uma avaliação? Para responder tais questionamentos e estabelecermos uma reflexão entre a atividade de avaliar relacionada à teoria e prática, realizamos entrevistas com professores e gestores da rede municipal de educação da cidade de Jequié – BA com a intenção de conhecermos as suas experiências e opiniões sobre o assunto e, dessa forma, contextualizar a experiência educativa resultante da articulação entre os suportes teóricos apontados nas discussões em sala de aula e a investigação empírica feita com a utilização de entrevistas realizadas no ambiente escolar

Para tanto, abordamos as análises bibliográficas acerca das concepções dos referidos autores sobre o ato de avaliar e analisamos as entrevistas com reflexões sobre como esse conhecimento é efetivado na escola.

Considerando que o percurso acadêmico nos proporcionou conhecimentos que se estabeleceram como fundamentais para compreender o ato de avaliar, além de disponibilizarmos de tempo e disposição para novas experiências e imersão em um contexto empírico de desconstruções, construções e reconstruções contínuas. Este texto busca socializar essa experiência educativa resultante das discussões teóricas e atividades práticas propostas pela disciplina referida.

## Referencial Teórico

Historicamente, a educação brasileira herdou um legado de práticas de exames no ambiente escolar, presentes nos modos de agir e de ser dos professores inseridos nas escolas até o século XVI. Esses modos de avaliar eram e continuam sendo a seletividade, classificação e o melhor resultado. E, é a partir daí que se aflora a competitividade entre os estudantes que com o objetivo de se sobressaírem, excluem aqueles, que por sua vez, não se enquadram na classificação exigida pela escola, família, governo e sociedade. Persiste um

processo de avaliação vinculado a competitividade e exclusão das pessoas que não entram no padrão de qualidade imposto.

O termo avaliação remete às provas, os testes e as notas, nos quais o objetivo principal é saber se o aluno alcançou as respostas corretas nos exames avaliativos, deixando de lado o seu desenvolvimento em cada questão ou assunto específico. Então, para que serve essa maneira de avaliação? Esse tipo tradicional de avaliar somente convém para classificar e excluir os alunos, pois se desassocia da busca pela construção de conhecimento e predomina a rotulação de quem sabe mais e de quem sabe menos, desse modo se esquece que cada pessoa tem conhecimentos diferentes sobre tais assuntos e maneiras distintas de aprender.

A escola conta com vários instrumentos para avaliar o desempenho de cada aluno e possibilitar que os alunos se integrem ao processo de aprendizagem ou se excluam desse processo ainda mais. Na realidade educacional brasileira a avaliação é tida como um instrumento ameaçador e autoritário e, diante disso, o processo de avaliar permanece excluindo na sala de aula. Conforme Luckesi (2005, p. 180) “nos dias atuais, em nossas escolas, efetivamente anunciamos uma coisa - avaliação - e fazemos outra - exame -, o que revela um equívoco tanto no entendimento quanto na prática”, evidenciando assim o embate entre o discurso e sua efetivação na prática docente.

Pensar a avaliação da aprendizagem significa refletir sobre os fenômenos que rodeiam essa ação considerando o ato de avaliar constante e complexo. O primeiro aspecto ponto a ser observado é a concepção de educador para uma avaliação mediadora. O educador é um sujeito em constante movimento e entrosamento com o processo de aprendizagem de cada aluno, instigando-o e despertando nele a vontade de aprender. Nessa perspectiva, Hoffmann (2014, p. 75) convida a pensar em “um educador que propõe ações diversificadas [...] Alguém que provoca, questiona, confronta, exige novas e melhores soluções a cada momento”. Um educador que busca sempre acompanhar o desenvolvimento do seu aluno, estimulando-o a ter um melhor desempenho. O papel desse professor que busca desenvolver uma avaliação mediadora, de acordo com Hoffmann (2014, p. 76) pode ser compreendida como:

Um processo de permanente troca de mensagens e de significados, um processo interativo, dialógico, espaço de encontro e de confronto de ideias entre educador e educando em busca de patamares qualitativamente superiores de saber.

Esse tipo de avaliação contribui significativamente para a aprendizagem do aluno, pois o professor estará em constante interação e acompanhamento em busca de promover melhorias. Diferente das “práticas avaliativas classificatórias que fundam-se na competição e no individualismo, no poder, na arbitrariedade presentes nas relações entre professores e alunos, entre os alunos e os próprios professores” (HOFFMANN, 2014, p. 16). Portanto, o educador deve se atentar para o tipo de avaliação que ele promove em sua prática pedagógica. Uma avaliação deve estimular os alunos a aprender no e com o coletivo qualitativamente, ou fazer da sua sala de aula um campo de batalhas e competições em busca de resultados quantitativos.

A avaliação mediadora está a serviço da intervenção e busca promover ações benéficas em torno do que foi observado.

A avaliação está predominantemente a serviço da ação, colocando o conhecimento obtido, pela observação ou investigação, a serviço da melhoria da situação não é avaliá-la; essas ações são apenas uma parte do processo. Para além da investigação e da interpretação da situação, a avaliação envolve necessariamente uma ação que promova a sua melhoria (HOFFMANN, 2014, p. 17).

Dessa forma, o verdadeiro sentido de avaliar volta-se para o acompanhamento do desenvolvimento e desempenho do aluno durante o processo de ensino e aprendizagem, no qual o professor faz a mediação e busca mecanismos e alternativas para que seu aluno alcance o objetivo desejado que é o conhecimento/aprendizado. Entretanto, nas práticas de avaliação o que predomina são instrumentos de classificação, os quais não trazem nenhuma reflexão para o aluno e muito menos para os professores, estes não param para refletir sobre o resultado de cada prova aplicada e a partir do resultado voltam para rever com seus alunos o que não ficou entendido.

Portanto, o processo avaliativo não se finda com as observações feitas a respeito do nível de desenvolvimento de cada aluno, isso é diagnóstico. Pois, considerando a avaliação na visão dialética do conhecimento humano “visa sempre ao futuro, à evolução, à superação” (HOFFMANN, 2014, p. 17). É necessário buscar alternativas que possibilitem aos alunos superar as suas dificuldades.

Para além de pensar quem é o educador e qual sua perspectiva sobre avaliação há que se refletir em qual modelo de escola este profissional está inserido. Pensar e refletir sobre o contexto ajuda a compreender os aspectos que envolvem o profissional e sua prática cotidiana. O contexto no qual o educador está inserido influencia diretamente sua prática

pois nele estão incorporados valores, crenças, visões de mundo, concepções e preceitos que envolvem e revela a dimensão política e social da avaliação. O atual modelo de escola tende a refletir os valores da sociedade. Em uma sociedade capitalista, excludente, disciplinar, elitista e classificatória, a escola tende a refletir esses mesmos valores, e é na prática avaliativa que isso fica ainda mais evidente.

O poder disciplinar [...] é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente [...]. O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame (FOUCAULT, 2009, p. 164).

Sendo assim, a avaliação pode ser considerada um dos mais eficientes mecanismos de manutenção da ordem social estabelecida em determinado contexto. No exame, a avaliação é um instrumento de ação e coação que age firmemente nesse processo, através de seu modo de fazer instituem-se diferentes valores, normas, hierarquias, crenças e práticas estabelecidas socialmente e reforçadas no ambiente escolar.

Os seres humanos estão impregnados de desejo de avaliar julgar o outro de forma cruel e injusta, portanto, não se trata de avaliar, mas de julgar. Na verdade, essa atitude de avaliar é aprendida desde a infância, nos processos formativos que são oferecidos objetivamente pelas instituições e, subjetivamente, nos valores e crenças sociais que são introjetados diariamente de forma silenciosa e despercebida. Isso se evidencia nas práticas sociais cotidianas quando se pratica uma avaliação antecipada com os indivíduos próximos mesmo antes de conhecê-los, acaba-se atribuindo a eles características satisfatórias ou insatisfatórias levando em conta os signos e preceitos culturais.

No processo de ensino e aprendizagem essa prática social avaliativa cotidiana tende a ganhar mais eco e força, porém o educador não pode avaliar o educando por avaliar, existem vários critérios para ocorrer essa avaliação, pois “seja pontual ou contínua, a avaliação só faz sentido quando provoca o desenvolvimento do educando”, (LUCKESI, 2015. p. 108). Vale ressaltar, que o erro do aluno deve ser visto como parte do caminho que deve ser percorrido para chegar ao acerto. Aliás, não somente o erro do aluno, mas também do professor, pois ambas as partes estão em um contínuo processo de aprendizagem. Assim, é necessário olhar o outro como um ser que erra e que através dos erros também aprende e não como um sujeito que precisa acertar em todos os momentos.

Logo, percebe-se a complexidade que envolve o tema da avaliação. Por envolver os aspectos do ato pedagógico, a avaliação não pode ser pensada de forma isolada e desarticulada dos inúmeros fatores que a compõem. De acordo com Luckesi (2005), desde o início da escola, a instituição, propriamente dita:

A prática de provas/exames escolares que conhecemos hoje tem sua origem na escola moderna, que se sistematizou a partir dos séculos XVI e XVII, com a cristalização da sociedade burguesa. As pedagogias jesuítas (séc. XVI), comeniana (séc. XVII), lassalista (fins do século XVII e inícios do XVIII) são expressões das experiências pedagógicas desse período e sistematizadores do modo de agir com provas/exames (LUCKESI, 2005, p. 169).

Ou seja, enraizada nas práticas avaliativas estão diferentes concepções e visões do ser humano em relação com a sociedade que se constituiu ao longo do tempo. Portanto, ao analisar as práticas avaliativas atuais há que se ter um olhar voltado para o passado, reconhecer as raízes históricas dos atuais problemas. Para de fato compreender a maneira como se avalia há que debruçar sobre a história de constituição da escola, como instituição, perceber sua organização, o controle, a hierarquia e a mensuração que estão presentes desde seus primórdios.

Para além deste cenário, está a figura principal do processo, o aluno, porque os rumos da avaliação da aprendizagem dizem a respeito às suas vidas. Pensar a forma como se pratica avaliação é também pensar um instrumento que age diretamente na construção do conhecimento dos alunos, figura essa esquecida ou silenciada muitas vezes nesse processo. Isso evidencia a necessidade de uma avaliação reflexiva para auxiliar no processo de transformação da realidade avaliada.

Repensar os princípios da avaliação da aprendizagem é, portanto, refletir sobre sua história, seu processo formativo, seu contexto de construção, os profissionais que a praticam e, principalmente, enxergar, ouvir e conceber os alunos como sujeitos e protagonistas desse processo. É um repensar em conjunto, articulado, intrinsecamente ligado às visões de mundo, de ser humano e de sociedade.

### **Avaliação no Cotidiano Escolar: a realidade vivida na escola**

Tendo em vista analisar como acontece o processo de avaliação no cotidiano escolar, essa investigação apoia-se em entrevistas realizadas com educadores da rede municipal de educação de Jequié – BA, na constante busca do confronto entre teoria e prática para

compreender se acontece a práxis em avaliação no cotidiano das escolas. A práxis se revela na atividade livre, universal, criativa e auto criativa, por meio da qual o ser humano cria, faz, produz e transforma seu mundo humano e histórico e a si mesmo, trata-se da transformação e mudança. Conforme Vásquez (1977, p. 5), práxis “designa a atividade humana que produz objetos, sem que por outro lado essa atividade seja concebida com o caráter estritamente utilitário que se infere do significado do ‘prático’ na linguagem comum”.

Para alcançar os objetivos da investigação utilizou-se entrevista. Trata-se de uma das técnicas mais utilizadas, atualmente, em pesquisas de campo. Ela permite ao pesquisador extrair uma quantidade significativa de dados e informações e possibilita alcançar os resultados esperados. Conforme André (2002, p.28), “as entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados” e possibilita ao pesquisador obter informações e interpretações da realidade pesquisada.

As entrevistas se deram em três etapas a partir dos seguintes segmentos: gestão escolar, educação infantil e ensino fundamental das séries iniciais, para tanto foram ouvidas, uma gestora escolar, duas professoras de educação infantil e uma professora das séries iniciais do ensino fundamental.

A gestora de uma escola de educação infantil, que relatou sobre sua concepção de avaliação e como acontece o processo avaliativo na escola que ela administra. Quando questionada sobre a concepção e entendimento da escola acerca da avaliação da aprendizagem, ela menciona que:

As professoras da educação infantil na realidade, muitas vezes, tem dificuldade de compreender isso, nenê?, nosso papel aqui na educação infantil não é alfabetizar, mas ainda está internalizado de avaliar nessa perspectiva então isso é muito complicado. Sobre a concepção e entendimento da escola eu posso falar sobre a minha perspectiva e como observo, a gente entende a avaliação como algo processual, contínuo onde a gente tem de avaliar todos os aspectos que as crianças apresenta nesse processo de construção da aprendizagem. E isso a gente utiliza de várias formas, como é que a gente faz logo no início do ano? Sempre buscar sondar para ver se a criança tem algum embasamento, alguma base de sustentação (GESTORA M.C, 2017).

Na educação infantil os alunos são avaliados de acordo com o desenvolvimento de suas habilidades, como por exemplo: falar, pintar, desenhar, pular, entre outras. Com base na resposta da gestora constatamos a relevância das atividades de sondagem e diagnóstico na expectativa de buscar conhecer as crianças e as competências que estas possuem e suas dificuldades.

Para o avaliador da aprendizagem, o aprendido interessa somente como diagnóstico do estado do desempenho hoje; interessa como um retrato da aprendizagem no momento atual. O foco do avaliador é o presente, na perspectiva de construção do futuro. Nesse caso, o presente serve exclusivamente como fonte explicativa do presente, que, por sua vez, serve de base para o futuro (LUCKESI, 2005, p. 183).

Sendo assim, é importante o trabalho com sondagem de conhecimento para a descoberta das habilidades que as crianças possuem, entretanto, não como forma de classificá-las, mas com o intuito de promover o estímulo de desenvolvimento de habilidades que elas ainda não possuem ou dominam, ou seja, olhar as habilidades do presente pensando na construção das futuras desenvolvuras.

No segundo segmento foram entrevistadas duas professoras da educação infantil, no qual quando indagadas se na rotina da escola é discutido a questão da avaliação da aprendizagem ambas responderam que sim.

Sim. Avalia como um todo se está participando expressa seus anseios e como ele interage com o outro. A todo tempo está avaliando. (PROFESSORA nº 01, 2017).

Essa fala da professora direciona a entender o que Hoffmann (2014, p. 82) afirma sobre o processo avaliativo:

No meu entender, o processo avaliativo não pode ser delimitado em etapas: início, meio e fim, pois, no seu sentido dialético, se constitui por momentos contínuos e simultâneos de mobilização, experiência educativa e expressão do conhecimento por educadores e educandos, momentos provisórios e complementares que só podem ser analisados em seu conjunto.

Com isso, evidencia que o processo de avaliação não é está desvinculado da rotina escolar, não acontece apenas em um período, ou seja, somente na “semana de provas”, o processo avaliativo é constante no cotidiano da escola e contempla um todo não fragmentado.

A segunda professora da educação infantil relatou o seguinte:

Sim faz parte, porque a gente... Como temos a coordenação aqui próxima da gente a escola também é uma escola pequena então fica bem mais fácil de acompanhar né?! Então a gente está sempre discutindo isso, se uma foi professora desses estudantes, conversamos sobre como era o desenvolvimento no período que estudava e., como ele tem mais facilidade na aprendizagem, se é por meio de figuras, filmes ou músicas, aí a gente

vai conversando e sempre com o acompanhamento da direção. (PROFESSORA nº 2, 2017).

Hoffmann (2014) atenta a entender que o importante é:

Perceber que a finalidade da ação avaliativa, entretanto, é redefinida a cada momento do ciclo da aprendizagem, e será mais ou menos favorecedora à medida que os professores tiverem clareza sobre cada momento vivido pelos aprendizes (HOFFMANN, 2014. p. 82).

Logo, os professores que mediam suas aulas com sensibilidade conseguem notar mais facilmente as dificuldades, avanços e singularidades dos seus alunos para intervir da maneira mais adequada no processo de ensino e aprendizagem.

A partir das falas das professoras na escola citada por elas, os sujeitos inseridos no grupo escolar se empenham em acompanhar o processo educativo de seus alunos e visam dialogar entre si sobre a avaliação, conforme evidenciado na menção da segunda professora.

Nossa última entrevistada foi uma professora do ensino fundamental das séries iniciais, para ela:

O objetivo da avaliação é entender se o aluno está aprendendo nenê? Os conteúdos dados na sala de aula, se ele está entendendo se a professora também está no caminho certo, para saber, se eles não estão entendendo, a gente vai para outro caminho então, por outra metodologia para saber se eles alcançam os objetivos esperado (PROFESSORA V.O, 2017).

De acordo com Hoffmann (2014, p.15), a avaliação e os atos avaliativos têm um sentido essencial.

Os estudos em avaliação deixam para trás o caminho das verdades absolutas, dos critérios objetivos, das medidas padronizadas e das estatísticas, para alertar sobre o sentido essencial dos atos avaliativos de interpretação de valor sobre o objeto da avaliação, de um agir consciente e reflexivo frente às situações avaliativas e de exercício do diálogo entre os envolvidos. (HOFFMANN, 2014, p. 15)

Portanto, não existe nesse caminho nenhuma receita pronta de como fazer avaliação. A necessidade de um olhar atento, sensível e reflexivo aponta os rumos para um novo jeito de pensar e fazer avaliação na escola. Uma vez que os alunos estão imersos em vários espaços sociais e não apenas na escola e recebem influências deles. Deste modo, é fundamental olhar o aluno em sua totalidade, como um sujeito ativo na sociedade e não apenas como alguém que se resume em notas ou conceitos vazios e isolados.

Com o auxílio das entrevistas percebe-se que este instrumento de coleta de dados serve muito ao pesquisador na análise dos detalhes do cenário pesquisado. As entrevistas coletadas levam a interpretar as particularidades que compõem o cenário investigado, a refletir sobre essas particularidades e a investigar os porquês de cada resposta dada. Entrevistar vai além de ouvir e registrar respostas automáticas, é um exercício de percepção entre a resposta dita e os movimentos do corpo sobre cada resposta, um exercício de concentração, percepção e treinamento de sentidos.

### **Considerações Finais**

A construção do presente artigo proporcionou o confronto e reflexão da teoria estudada na sala de aula com a prática do cotidiano escolar. Diante dos dados compreende-se que a avaliação faz parte do cotidiano dos humanos, nas situações corriqueiras. Portanto, avaliar é praticar uma ação seja ela positiva ou negativa. Além disso, para avaliar é preciso observar, entender, compreender que trata de um processo para chegar a um resultado. Diante dos relatos percebe-se que a avaliação toma novos aspectos de mudanças, busca mais mediações, faz diagnósticos contínuos e dá mais atenção às perguntas e respostas do educando para acontecer a avaliação.

Durante o percurso do desenvolvimento desta pesquisa muitos paradigmas no que diz respeito à avaliação da aprendizagem foram repensados, e desconstruídos e, pelo exercício constante da mediação em sala de aula, percebe-se que a mudança em avaliar o educando pode ocorrer em vários critérios, modos e formas de fazer que são benéficos para o desenvolvimento da aprendizagem do educando.

Por fim, vislumbra-se abandonar a temida avaliação da aprendizagem e utilizá-la como mais um instrumento de mediação e acompanhamento do estudante no processo de ensino e aprendizagem, que pode e deve ser usado de maneira a melhor proporcionar ao aluno melhorias no conjunto que envolve a aprendizagem, levando em conta toda a complexidade presente neste processo e percebendo o aluno em sua singularidade e especificidade. Sendo assim, à luz deste processo, é possível avaliar sem punir, classificar, excluir e estigmatizar. A avaliação pode e deve ser um instrumento de acompanhamento e auxílio na construção da práxis educativa.

### **Referências Bibliográficas**

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Ed.8. Campinas: Papyrus, 2002.

DOMINGOS, Fernandes. **Avaliar para aprender: Fundamentos, Práticas e Políticas**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto alegre: Editora Mediação: 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática**. 2º ed. Salvador: Malabares: 2005.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. 2 ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1977.